

Irrupções poéticas no cotidiano: entrevista com Rafael Iotti

Poetic irruptions in daily life: Interview with Rafael Iotti

André Tessaro Pelinser¹

Letícia Malloy²

Resumo: Em 2017, Rafael Iotti publicou, pela Editora 7 Letras, seu primeiro livro de poesia. Intitulada *Mas é possível que haja outros*, a obra divide-se em três partes – “Poemas indecisos ou cinco poemas infantis”, “Poemas frágeis” e “Poemas insensíveis” – e já apresenta uma visão de mundo particular, por meio da qual os temas do cotidiano emergem com força poética. Em entrevista concedida ao projeto “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas” em outubro de 2017, Iotti reflete a respeito de seu processo de composição artística e lança um olhar sobre sua trajetória recente, discorrendo sobre autores relevantes em sua formação e sobre os contemporâneos com quem mantém diálogo.

Palavras-chave: Rafael Iotti; poesia brasileira contemporânea.

Abstract: In 2017, Rafael Iotti published, by 7 Letras, his first poetry book. Entitled *Mas é possível que haja outros*, the book is divided into three parts – “Poemas indecisos ou cinco poemas infantis”, “Poemas frágeis”, and “Poemas insensíveis” – and presents a particular worldview, through which daily themes emerge with poetic strength. In an interview granted to the project “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas” in October 2017, Iotti reflects upon his process of artistic composition and upon his recent trajectory, pondering over authors that have been relevant to his formation, as well as over contemporary authors with whom he keeps in touch.

Keywords: Rafael Iotti; Contemporary Brazilian poetry.

Apresentação

Na literatura brasileira, as imagens do cotidiano permeiam de maneira particular a produção poética observada durante o Modernismo. Nesses casos, a poesia costuma nascer das fontes mais heterogêneas, como as experiências íntimas, o aproveitamento da vivência dos espaços circundantes, a observação dos objetos e dos fatos mundanos e mesmo a leitura ou tradução de outros autores. Para tanto, o processo criativo passa pela interiorização de imagens exteriores, seguidamente de natureza banal e desinteressante, que adquirem, por intermédio da resignificação poética, inflexões de sentido que as deslocam de seus campos semânticos originais. Trata-se de um aproveitamento daquilo que é comumente visto como antipoético.

São muitos os poetas que fizeram uso desse expediente na série literária brasileira. Neles, a simplicidade das imagens ganha novas camadas de sentido pelo

¹ Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Professor da UFRN. E-mail: andre.pelinser@gmail.com

² Doutora em Estudos Literário pela UFMG. Professora da UERN. E-mail: leticiamalloy@gmail.com

contraste com as formulações sofisticadas a que são submetidas. O prosaico, o simples, o dia a dia das ruas e da cidade são incorporados ao fazer poético e instituem uma atmosfera em que o cotidiano confere intensidade ao texto. No caso de Rafael Lotti, essa característica se manifesta nas imagens que emergem de práticas simples como andar pela rua e acender um cigarro, observar uma menina numa praça, receber uma encomenda da mercearia. Inesperadamente, as ruas e os cigarros evocam poetas pretéritos e o peso da tradição, a garota na praça denuncia abismos sociais invisíveis e o produto da mercearia cria um fardo paradoxal para o sujeito poético.

A nosso ver, esse é um dos procedimentos inventivos que conferem força poética a *Mas é possível que haja outros*, livro de estreia de Lotti, editado em 2017 pela 7 Letras. Dividida em três partes – “Poemas indecisos ou cinco poemas infantis”, “Poemas frágeis” e “Poemas insensíveis” –, a obra apresenta uma visão de mundo já marcada pela idiosincrasia do autor, um olhar um tanto enviesado, capaz de surpreender o inesperado contido nos instantes banais.

Nascido em Porto Alegre em 1992, Rafael Lotti iniciou o curso de Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, mas recentemente se transferiu para a Universidade de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. Antes do lançamento de *Mas é possível que haja outros*, seus poemas apareceram na *Germina – Revista da Literatura e Arte*, na *Revista Fapesp*, na *mallarmargens revista de poesia e arte contemporânea*, entre outras. Na entrevista a seguir, realizada no âmbito do projeto “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, o autor reflete a respeito de seu processo de composição artística e lança um olhar sobre sua trajetória recente, discorrendo sobre autores relevantes em sua formação e sobre os contemporâneos com quem mantém diálogo.

1. Cada escritor possui um *modus operandi*, por assim dizer. Em muitos de seus poemas, a intensidade do efeito nasce da apresentação de imagens do cotidiano, de realizações banais e de atividades mínimas. Você poderia nos falar um pouco sobre as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário?

A poesia, diferente da prosa, é um estado de êxtase. Eu não a controlo, não a manipulo e não tenho a menor ideia de como conseguir isso. Dizendo de outro modo, a

poesia me vem, quase como um fantasma, algo etéreo, e a minha única função é transformar aquilo em linguagem. Sendo assim, não tenho opções. Nem estéticas, temáticas, éticas, etc. É claro que esse espírito, que talvez nem seja meu, é guiado pelas minhas sensações mundanas: o que eu vi, o que eu li, o que eu senti, etc. Mas isso, pra mim, a feitura, o guiamento que se dá, é completamente inconsciente.

2. A publicação de seu primeiro livro se deu já com o selo de uma editora que se destaca no cenário editorial brasileiro, a 7 Letras. Em sua trajetória literária, houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um escritor?

Eu publicava alguns poemas dispersos na internet, em alguns blogs que me convidavam, algo assim. Mas eu acredito que a editora 7 Letras não tinha o menor conhecimento disso. Uma noite, depois de finalizar e revisar o livro, enviei o original para o e-mail deles. No dia seguinte, me responderam que queriam editar. Sobre quando me tornei escritor, é uma pergunta difícil. Acho que já nasci amaldiçoado. Mas eu percebi que precisava disso, da literatura, que não era uma coisa passageira, e sim vital, no final da minha adolescência. Ali eu tive a certeza que viveria e morreria disso.

3. Em um dos poemas dispostos na seção “Poemas insensíveis”, de *Mas é possível que haja outros* (7 Letras, 2017), o sujeito poético confronta arte e ciência, assegurando que, se esta explicasse tudo, os poetas “não se espantariam. / eles, tirado o peso de codificar o mundo / no outro dia / bendizendo os cientistas, / distribuiriam seus currículos / em companhia.” Em que medida esses versos – e, em especial, a ideia de peso – dizem de seu processo criativo?

Não sei o que é um escritor de verdade, tampouco sei o que é, de fato, poesia. Mas sei o que não é. E, para mim, quem chegou perto disso, perto dessa chama, teve que conviver com esse peso que é transformar as coisas em linguagem. Muitos enlouquecem, são alcoólatras, loucos e viciados. Se por algum momento, pudessem esquecer isso, trabalhar num emprego formal, com horas fechadas, talvez fosse uma

forma de salvação. Ou de viver com mais saúde. Talvez o que eu fale pareça não ter sentido, e é justamente isso que é enlouquecedor.

4. Em outro poema de seu livro de estreia, a voz poética retoma ações cotidianas de Hemingway, Tolstói, Nabokov e Miller e imagina: “talvez algum dia depois de pisar em muita rua / acender muitos cigarros ou não / algum dia quem sabe eu saiba o que eles souberam”. Em outro texto, no fim do livro, são mencionados Borges, Stevenson e Dickens. Trata-se de uma retomada consciente da tradição literária, que chama à atenção, inclusive, por não recorrer a escritores predominantemente conhecidos pela poesia, tampouco a brasileiros. Como lidar com esses autores que, a um só tempo, fornecem inspiração e impõem o peso da autoridade?

Assim como os pais, em um determinado momento, é preciso matá-los. Simbolicamente, claro, porque esses escritores já estão mortos. Mas todo mundo tem influências, e está tudo bem. Leio muitas coisas que me influenciam, e falo abertamente. Não tem por que esconder, mas esses autores, especificamente, não conversam comigo. Talvez Tolstói e Borges. Os outros estão aí por acaso.

5. Você se mudou de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, para Porto Alegre. Posteriormente, retornou da capital do Estado para Caxias do Sul. Em *Mas é possível que haja outros*, nota-se que a experiência de trânsito entre metrópole e cidade do interior se faz evidente em apenas um poema. Apesar de pouco explorada enquanto tema, em que medida essa experiência de trânsito participa de seu processo criativo?

Esse livro reúne poemas que eu comecei a escrever em 2010, quando morava ainda em Caxias. Realmente, essas mudanças físicas e espaciais não entraram muito no livro; mas estou escrevendo um romance em que isso está presente. Quero criar uma cidade fictícia que reúna a metrópole e o interior. Não estou seguro se vai ser algo bem feito. Possivelmente não.

6. Muitos escritores têm mantido atividade constante nas redes sociais, seja para promover a própria obra, seja para expressar engajamento político. Antes da publicação de *Mas é possível que haja outros*, você divulgou continuamente sua produção poética no Facebook. Que papel a rede social teve no processo de reconhecimento de seu trabalho? A divulgação de textos nesse espaço influenciou em alguma medida seu processo criativo?

Comecei escrevendo na internet; e continuo lá. A internet me deu algumas amizades, outras inimizades e por aí vai. É um espaço interessante, apesar de ter coisas ruins. Mas faz parte. O papel da internet é, também, de divulgação, conhecimento, apesar de eu não ter tido nenhum de auto-marketing. Pelo contrário, cada vez arrumo mais brigas e desavenças pelas redes.

7. Um dos poemas de *Mas é possível que haja outros* (2017) apresenta Cassandra, uma menina de rua desprovida de olhinhos de criança, para quem a praça não é pracinha. Seu olhar pula de pessoa em pessoa, sem descanso, e o poema termina sem oferecer qualquer tipo de alento ou expressão de solidariedade. Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?

Realmente não sei. A miséria humana não tem fim. Não sei se a monstruosidade estava escondida; desde criança ouço que a vida é uma merda, que um dia as coisas vão melhorar, mas não melhoram nunca. Cada vez tenho mais dificuldade em entender por que aceitamos estar onde estamos. Tenho um pouco de dificuldade, também, em me manter vivo. Risos. A poesia, a literatura, pra mim, é um motivo.

8. Diante do panorama da literatura brasileira atual, o que você vê? Que autores você tem lido? Gostaríamos que você nos falasse um pouco sobre suas

principais inquietações e estímulos em face da produção literária brasileira – sobretudo poética – na contemporaneidade.

Dentre todas as literaturas, a brasileira é uma que não me diz muito. É claro que existiram escritores geniais, Guimarães Rosa, Campos de Carvalho, Simões Lopes Neto, Hilda Hilst; e, na poesia, pelo menos uns cinco ou seis gênios absolutos, como Drummond, João Cabral, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, etc. Hoje em dia admiro dois escritores, meus amigos: Rafael Escobar, que publicou seu primeiro livro agora, *Elogio Dos Tratados Sobre A Crítica Dos Discursos* (Libretos), e o Marco de Menezes, pra mim o maior poeta gaúcho e, possivelmente, brasileiro vivo. Gosto também da Veronica Stigger, Fabiano Calixto e Carlito Azevedo.

9. Uma afirmação repetida com certa frequência assegura que a graduação em Letras não oferece estímulos à atividade criativa, ou pior, elimina dos alunos o interesse pela escrita literária. A despeito disso, muitos escritores da geração mais recente da literatura brasileira possuem formação acadêmica na área. Como graduando em Letras e escritor, de que modo você avalia essa percepção?

A literatura, pra mim, é mais do que uma disciplina ou curso de graduação ou qualquer coisa do gênero. Acho que é possível, ao se depararem com escritores geniais, com um processo de estudar realmente a obra, destrinchar certas coisas, que as pessoas se intimidem, parem de escrever, etc. Fazem bem. Já existem muitos escritores ruins com vastíssimas obras por aí.

10. Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?

Interesse, eu acho. A 7 Letras é uma das poucas editoras que têm interesse nos escritores novos, não publicados, etc. Existem outras, claro, mas acho que há um desinteresse total, principalmente dos leitores. Particpei por um tempo de um grupo de leitura de escritores brasileiros: só liam quem publicava por grandes editoras ou tivesse

ganhado algum prêmio. É isso, no fim. Ganhe prêmio, escreva o que manda o regulamento e seja feliz.

11. Você está escrevendo algum livro no momento? Possui projetos que envolvam outros gêneros literários?

Sim, um romance. Tenho outro livro de poemas ganhando corpo, também. Mas acho que já falei demais.

REFERÊNCIAS

IOTTI, Rafael. *Mas é possível que haja outros*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017

Recebido em: 02/05/2018

Aceito em: 30/06/2018